Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 375

21 DE MAIO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Tem que ser fatalmente uma chronica tristissima a nossa chronica de hoje: tem que chorar dois mortos queridos e illustres, dois mortos que deixaram de si memoria saudosa e respeitada, — nome honrado e notavel na nossa terra — Campos Valdez e Eduardo Coelho.

Quasi que ao mesmo tempo summiram-se no tumulo esses dois homens que tão conhecidos e estimados eram na nossa terra, que occupavam logar proeminente na vida de Lisboa.

E a ambos matou a morte repentina, essa morte traiçoeira que prostra de surpreza, que d'um momento para o outro atira com um homem para a cova e mergulha uma familia na dôr, nas lagrimas, no lucto, bruscamente, por uma transicção brutal que a primeira sensação que produz é a do assombro.

Foi essa a sensação que primeiro produziu a noticia da morte de Campos Valdez, noticia que no nosso ultimo numero ainda podemos dar em rapidas linhas escriptas a correr nas provas da nossa chronica: foi essa a sensação que produziu a noticia da morte de Eduardo Coelho que na noite de terça feira 14 se espalhou pelas redacções e pelos bastidores e que na quarta feira de manhã impressionou profundamente toda a população de Lisboa, escripta em vedetta na primeira pagina de todos os jornaes.

E entretanto a respeito de Eduardo Coelho a surpreza não tinha tanta razão de ser, porque ha muitos annos o precario estado da sua saude fazia prever esse proximo desenlace.

Vae para quatro annos que um medico notavel, para mim dos mais notaveis que tem havido em Lisboa pela sua longa pratica, pelo seu profundo saber, e pelo seu extraordinario tacto medico, — o illustre e chorado Dr. Baldy — me disse a mim que Eduardo Coelho estava irremediavelmente perdido.

A pedido do sr. visconde de S. Marçal — que era amigo intimo dos dois, e que tinha no Dr. Baldy a illimitada confiança que elle sabia inspirar aos seus doentes,—auscultara Eduardo Coelho e encontrára n'elle essa terrivel doença que é inexoravel, que não perdoa nunca — a lesão de coração.

EDUARDO COELHO — Fallecido em 14 do corrente

(Segundo uma photographia de Campos)

N'esse tempo ainda Eduardo Coelho apparecia por toda a parte, alegre, jovial, com esse bom humor que elle tinha sempre e que dava um especial encanto á sua convivencia.

Tinha tido os seus achaques, de vez em quando sentia-se incommodado, mas não dava importancia a esses incommodos que então ainda eram ligeiros e que a sua familia, os seus amigos e os seus companheiros de trabalho mal julgavam ser os prenuncios da morte, que já o condemnára inexoravelmente.

E eu proprio, apesar da enorme confiança que me mereciam os prognosticos do Dr. Baldy, quando via Eduardo Coelho, chegava a duvidar da sentença terrivel do medico, a admittir a probabilidade, muito humana, de elle se ter enganado.

Infelismente porém o dr. Baldy não se enganára.

D'ali a pouco tempo Eduardo Coelho começava a padecer mais, o seu mal foi-se aggravando, a doença foi fazendo implacavelmente o seu caminho, a despeito de todos os cuidados da sciencia e um triste dia todos os amigos de Eduardo Coelho reconheceram dolorosamente, o que o Dr. Baldy muitos mezes antes me dissera; — que Eduardo Coelho estava irremediavelmente perdido.

Então começou a longa e energica lucta com a morte.

E durou annos essa lucta, cheia de peripecias, de commoções, de surprezas.

Tão depressa Eduardo Coelho parecia estar a expirar, como tão depressa, o seu robusto organismo, ajudado pela sciencia dos medicos mais illustres de Portugal e do estrangeiro, parecia querer triumphar da doença, e atirar para longe essa derradeira hora que por vezes se afigurava tão proxima.

E se n'esses momentos, que foram muitos, Eduardo Coelho tivesse morrido, a noticia da sua morte não causaria surpreza, porque a todo o instante era esperada.

Mas ultimamente

essas crises, essas recrudescencias do mal eram mais raras, ou assustavam menos: ultimamente até parecia que Eduardo Coelho estava muito melhor, os receios d'um proximo desenlace fatal tinham-se apagado muito mais e imaginava-se mesmo que o estado d'elle, era um estado estacionario que podia durar muito tempo, e que sem esperanças de nunca mais lograr boa saude, podia viver assim muitos annos, um dia melhor outro peor, atamancando a vida — homem doente homem para sempre.

E foi precisamente n'esse momento que a morte veio, quando não era esperada, quando já quasi que se não pensava n'ella.

A *reportage* d'essa morte foi muito bem e minuciosamente feita por todos os jornaes, e anciosamente lida por toda a gente, para que estejamos aqui a repetil-a.

Eduardo Coelho morreu sem agonia, sem soffrimento, instantaneamente como se o fulminasse uma forte corrente electrica. Deus amerceou-se d'elle, que tão bom era e que tanto padecera, e não quiz tortural-o na sua ultima hora.

E o valente trabalhador, o honrado homem, o leal e dedicado amigo teve uma morte serena, tranquilla, elle de quem a vida fôra tão agitada e turbulenta.

O Occidente dedica hoje á memoria de Eduardo Coelho, á historia da sua vida e da sua grande obra jornalistica um artigo especial, feito por um dos mais intimos e leaes companheiros do illustre jornalista, e portanto nós aqui limitamo-nos a registrar unicamente a sua morte, que veio cobrir de luto a imprensa portugueza, e a chorar a perda do confrade illustre e do amigo querido e leal.

O enterro de Eduardo Coelho foi uma imponentissima homenagem que Lisboa prestou ao trabalho e á honestidade que tinham no fundador do *Diario de Noticias* a sua personificação.

O cadaver do celebre jornalista que á força de tenacidade fez o seu caminho e, sahido da obscuridade, chegou luctando, sem nunca cançar, sem nunca transigir, ás cumiadas do mundo jornalistico, foi levado para o cemiterio por uma multidão enorme em que se viam representadas todas as classes, desde as mais brilhantes até ás mais modestas, e o seu enterro foi um verdadeiro acontecimento em Lisboa.

E a população lisboeta tributando essas excepcionaes honras a Eduardo Coelho, equiparando-o n'essa quasi apotheose aos seus grandes homens gloriosos, fez uma obra de justiça e de moralidade, demonstrou eloquentemente, que apezar de tudo, ainda hoje se impõem ao respeito, á estima, á veneração de toda a gente essas duas grandes virtudes que faziam toda a força e toda a gloria de Eduardo Coelho — o trabalho e a honradez!

O Occidente dedica tambem a Campos Valdez, ao illustre emprezario de S. Carlos que a morte tão inesperada e brutalmente atirou para a cova, um artigo especial, artigo que nos dispensa de alongar esta chronica com notas biographicas de Campos Valdez, com a historia de todas as suas brilhantes campanhas theatraes, campanhas em que conquistou o bastão de marechal, essa celebridade gloriosa, que fez com que a sua morte seja, além d'uma perda irreparavel para a sua familia, que o adorava, para os seus amigos, que o estremeciam, uma perda irreparavel tambem no nosso mundo lyrico, onde o logar que Valdez tão brilhantemente occupava ficará por muito tempo á espera de quem dignamente o substitua.

A questão do theatro de S. Carlos, levantada pela morte de Campos Valdez, a quem ainda ha poucos dias o theatro tinha sido adjudicado por 5 annos é uma questão complicada, que não nos parece de solução facil.

Acerca d'essa questão ha duas opiniões absolutamente diversas.

Uma diz que o contracto do governo com o emprezario Campos Valdez para a exploração do theatro de S. Carlos é um contracto como qualquer outro e portanto deve regular-se pela lei que regula todos os contractos, e por isso passar para os herdeiros do fallecido emprezario.

A outra pretende que esse contracto é de natureza especial, é um contracto perfeitamente pessoal, e que portanto a morte do emprezario a quem a exploração do theatro fôra concedida, implica a annulação do contracto e que o theatro de S. Carlos deve ser posto de novo a concurso, impondo o governo, no programma d'esse concurso os artistas já contratados por Campos Valdez, imposição que terá por fim garantir as escripturas feitas, não prejudicar os artistas que em virtude d'esses contractos tenham desprezado outros contractos, e não abalar a confiança que o theatro de S. Carlos gosa no mundo artistico.

Entretanto seja qual for a solução que se adopte, a difficuldade grande é a mesma, e quer seja o theatro dado a novo emprezario quer fique pertencendo por 5 annos aos herdeiros de Campos Valdez onde está quem na direcção artistica do theatro o possa substituir?

A verdadeira questão é esta, e é ella que traz preoccupado o publico de Lisboa, para quem, como já varias vezes temos constatado, o theatro de S. Carlos é o grande acontecimento dos invernos e que está assustado sem saber a que mãos irá parar o destino d'esse theatro.

E é por isto que a morte de Campos Valdez depois de ser uma profunda dôr para todos os seus amigos e eram muitos, é um embaraço serio no andamento da vida de Lisboa.

Gervasio Lobato.

EDUARDO COELHO

Labore omni vincit

Não é uma opinião de critica auctorisada, que tentamos exprimir no rapido esboceto biographico, que vamos escrever. É um preito humildissimo de saudade e de amor á memoria d'aquelle, que nos foi mestre, amigo e companheiro desde o *Conservador*, onde o grande jornalista revellou tanta pujança até ao *Diario de Noticias*, onde trabalhámos durante vinte annos, dirigidos pela lucidez do seu alto espirito e afagados pela benevolencia extrema do seu coração de ouro acrisoladissimo.

Que vá, pois, mais esta saudade reunir-se á enorme corôa de homenagem, que mereceu o homem illustre, que na justissima phrase do nosso collega do *Jornal da Noite*, foi uma gloria e um exemplo.

* * *

Eduardo Coelho trabalhou desde tenros annos, e durante o resto da sua vida sob a imperiosa força das circumstancias, não deixou coagir a sua vontade de trabalhar e ainda nos ultimos quatro annos, esse athleta ferido por doença horrivel, infatigavel, não escutava o conselho dos medicos, que lhe aconselhavam o repouso. Quando a morte o roubou ao carinho da familia e ao extremoso affecto dos seus companheiros e amigos, encontro-o no seu posto de honra, a elle, que era um impavido soldado do progresso. Colheu-o de subito e prostru-o examine, conservando o colloso ainda na mão (por assim dizer) a penna de jornalista com que elle defendia os interesses do povo, pelo qual se devotára em constante prelio com esse enthusiasmo, que a doença não conseguia entibiar e com essa lealdade que era uma das virtudes, que mais salientes lhe emmolduravam o talento brilhantissimo. O seu ultimo artigo ainda era uma consagração ao trabalho.

Eduardo Coelho, como todos os grandes espiritos, nunca se deixou adormecer sobre os louros. Pois, durante a sua vida fadigosa, teve bastantes occasiões em que poderia seguir o velho rifão de *cria fama e deita-te a dormir*. Mas não lh'o consentia o espirito e o amor ao trabalho.

Sem vaidade, Eduardo Coelho alludia por vezes aos seus primeiros annos, tão cortados de circumstancias desagradaveis. Então, contava elle, teve de arcar peito a peito com a adversidade, *A lucta pela existencia*, nos primeiros annos da vida activa, foi-lhe angustiosa e errissada de espinhos, que o pungiam e laceravam. Teve de libar gota a gota todos os amargores, que a providencia não poupa, aos que não lhe são dilectos. Mas tendo provado a grandes haustos o calice amarissimo das rudes provações, que nos padecimentos phisicos voltaram no fim da sua vida, esse homem, que, como elle nos escrevia poucos dias antes de fallecer, — *tinha ganho a vida a custa da saude e que já nem pernas tinha para ir visitar um amigo leal*, — mantinha-se sereno e bom, desculpando as faltas alheias e acolhendo todos com o seu sorriso meigo e affabilissimo, franco e consolador.

Tendo soffrido da sociedade, retribuio-lhe com beneficios o mal que recebera, porque o seu coração era opulentissimo de bondosas qualidades.

Durante os annos, que passamos a seu lado, tivemos occasião de observar actos, que revelavam um espirito summamente magnanimo.

Elle tinha palavras carinhosas para os que, antes adversarios e inimigos, a elle recorriam.

— «Acima da justiça, dizia elle por vezes, ha alguma cousa mais *justa: é a magnanimidade.*»

Effectivamente o homem generoso e magnanimo é superior áquelle que se dirige apenas pelos preceitos regidos de uma justiça, que pode ser convencional. E deveras tinha em alta escala a virtude do perdão das injurias, aquella alma fortissima, aquelle *espirito nobre e generoso*, como lhe chamou Victor Hugo, n'uma carta em que lhe agradecia os folhetins, que escrevera sobre a abolição da pena de morte, e lhe dizia:

«*Abolir a morte legal e deixar á morte divina todo o seu poder e todo o seu mysterio, é um progresso augusto entre todos. Morte á morte, guerra á guerra, odio ao odio. Viva a Vida!*»

O seu caracter nobilissimo não se desmentio em todas as phases da sua vida, por mais precaria, que fosse a sua situação. Por isso dizia d'elle, com bastante conhecimento de causa, Lopes de Mendonça: — *É um gentleman!*

Alexandre Herculano, na dedicatoria de um livro, que lhe offereceu chamava-lhe: *trabalhador honrado e util.*

O nosso presado e antigo amigo e collega Magalhães Lima, quando na *Semana illustrada* escrevia ha 11 annos a biographia do malogrado e eminente jornalista, dizia estas palavras justissimas.

— «Eduardo Coelho, sobre ser um magnifico talento, sobejamente comprovado nas lides da imprensa periodica, do theatro e das associações operarias, é ainda mais um excelente caracter, um esposo desveladissimo, um amigo leal e um pae dedicado. Somma — um homem distintissimo, tanto moral, como intellectualmente.»

* * *

Eduardo Coelho nasceu em Coimbra a 23 de abril de 1835 e era filho de João Gaspar Coelho, antigo mestre de obras e um valente defensor das liberdades populares, tendo servido como soldado no cerco do Porto, batendo-se nas linhas de Lisboa e militando nas fileiras da revolução de 1839 e 1846.

Em 1848, tendo-lhe fallecido o pae e ficando sua mãe com 8 filhos, veio para Lisboa, onde se collocou na loja de ferragens do sr. Verde, pae do mallogrado poeta Cesario Verde e tio do nosso amigo Henrique Verde. Ali escreveu artigos para jornaes e li quantos livros lhe vinham á mão, e de tal modo se enamorou da vida das letras, que a ella se dedicou, acceitando-lhe todas as provações e agruras. N'essa existencia, perfeitas mente bohemia, foi companheiro de Antonio Mendes Leal, o primoroso traductor dramactico, de Cesar de Vasconcellos, que tambem era muito applaudido das plateias, de Leoni e de Joaquim de Almeida, actores bem conhecidos e de outros artistas e escriptores. Por esse tempo Eduardo Coelho sugeitava-se a dar licções de francez ao dono do antigo café do largo de S. Justa, recebendo uma modica retribuição.

Procurando meios de existencia, entrou para o quadro typographico da Inprensa Nacional, e ali conservou o seu nome como compositor.

D'esses tempos falla Eduardo Coelho no seu conto *Um Drama da Roda*. Ouçamol-o.

— «Morava eu ha 13 annos n'uma acanhada viela ali ao pé da Mouraria, em que só habitavam n'uns esguios casebres, gente, não direi tão pobre como eu o era então, pois todos teriam mais ou menos com que temperar o seu caldo espartano, mas, emfim, gente que pagava de renda média de 1000 a 1200 reis mensaes, quando a pagava. A minha orçava por 700 réis. Essa casa, onde elle viveu em companhia de Van'Deiters, de José Anchieta e dos que acima indicámos era no *Becco do Jordão.*

No *Rapaz da Camisa Lavada* tambem Eduardo Coelho allude á sua entrada na vida activa:

— «Já sei o que hei de fazer, dizia muito triste o pequeno Leandro, conversando, como o outro que diz, com o seu travesseiro, a um canto do velho e humido lar paterno. Morreu meu pae. Minha mãe ficou pobre. Sou o mais velho dos meus irmãos; tenho onze annos; vou correr mundo, comer o pão, que o diabo amassou, ganhar a vida. Somos oito irmãos, e os bocados de pão, que minha mãe ajunta são sómente quatro. Toca a fazer a trouxa.

«E arranjou um saquito, aonde metteu umas ceroulas velhas, umas calças remendadas e umas meias rotas. E o outro dia despediu-se cortado de saudades, e metteu a pé pela estrada que ia desembocar a uma grande cidade.»

A sua estreia poetica foi no *Jardim litterario*. Em 1859 escreveu uma tentativa de romance historico, intitulada *a Vida de um principe*, prefaciado por Silva Tullio.

Antonio Feliciano de Castilho fel-o seu secretario. Mais tarde tambem o foi do grande tribuno José Estevão.

Eduardo Coelho escrevia com facilidade e tinha um tacto especial para o noticiario. Foi esta qualidade, que lhe deu entrada na *Revolução de*

Setembro, onde tinha a seu cargo a chronica, assim como a secção noticiosa do *Conservador*. José Estevam Coelho de Magalhães apreciava-o em muito e o grande polemista Antonio Rodrigues Sampaio tinha lhe sincera affeição, a qual conservou até ao fim da vida. Além d'estes encargos tinha Eduardo Coelho varias correspondencias para jornaes do Porto, Evora e Regoa. Tambem continuava a escrever para o theatro, obtendo as suas peças os applausos do publico.

No theatro para onde Eduardo Coelho escrevia, nas horas que as tarefas jornalisticas lhe deixavam livres, obteve excellente exito. Mais tarde o *Diario de Noticias*, que foi o seu grande ideal, a sua grande paixão, e a sua grande obra, afastou-o dos brilhantes successos dramaticos. Ainda assim conservou intimas relações de amisade com os actores, aos quaes prestou apoio durante toda a sua vida. E tanto assim, que rejeitando o bilhete do theatro da Trindade, elogiou algumas vezes e permittiu aos seus collegas de redacção, que elogiassem actores d'aquelle theatro, pois estes não tinham culpa da desintelligencia que tinha havido entre elle e o Director.

N'um beneficio da actriz Florinda, ha annos, o nosso particular amigo e illustre collega Francisco Serra, levou á scena uma peça, que foi morta por motivos, que nós julgámos terem partido do ensaiador. O ensaiador era Leoni, amigo de Eduardo e um dos antigos companheiros da sua *Vie de Boheme*.

Leoni queixou-se ao mestre. E o mestre dissenos que haviamos sido mal informados.

— «Mas deixa que eu arranjo as coisas, dissenos elle sorrindo. Finalmente parece-me que todos têem razão: tu, o Leoni e o Serra!» E começou a escrever em caracteres que elle proprio ás vezes não sabia decifrar. Effectivamente o artigo dava razão a todos. Era esta uma das boas qualidades do seu extraordinario talento: pôr todos de accordo.

Com respeito á calligraphia de Eduardo deu-se um caso interessante.

Na vespera de ir fazer a sua primeira viajem á Beira, viagem de que resultou um livro primoroso, applaudido em todos os orgãos da imprensa portugueza, tinha deixado o nosso querido mestre uma carta para um nosso amigo.

Entregámos a carta. Mas o nosso amigo não pode entendel-a e menos ainda Adriano Coelho.

— O melhor, disse-nos elle, é esperar que meu irmão volte.

O que é extraordinario é que o proprio Eduardo não poude ler o que escrevera.

E com aquelle sorriso affabilissimo, que raro o deixava, disse-nos:

— Diz o que queres, João, que eu faço outra carta. Esta nem o diabo a pode entender!... E escreveu novamente.

O que é singular é que quando os soffrimentos physicos lhe entraram, Eduardo Coelho começou a escrever mais claramente.

Pobre amigo! Elle queria enganar a todos velando o mal, que o derrubava a pouco e pouco. Por isso com o rosto transtornado, a voz entaramelada, mas fazendo prodigios em calligraphia, dizia-nos impertubavel: — Eu vou melhor!

Pobre amigo!

(Continúa) *João de Mendonça.*

ANTONIO DE CAMPOS VALDEZ

O maior elogio que se pode fazer de Campos Valdez, como homem, está no sentimento profundissimo que a noticia da sua morte causou em toda Lisboa: o seu maior elogio, como emprezario, está nas interrogações que por ahi todos fazem, sem encontrar resposta, ácerca de quem o hade substituir na gerencia do theatro de S. Carlos.

É que ao mesmo tempo que ha poucos caracteres como o de Valdez, em que todas as boas qualidades de homem, de chefe de familia, de pae, d'amigo e até mesmo de conhecido, se juntavam em rara aliança, hade ser difficil encontrar um emprezario lyrico que reuna em tão alto grau como reunia Campos Valdez todas as qualidades necessarias para esse difficil cargo, o instincto do theatro, o conhecimento perfeito de todo o reportorio e de todos os artistas em voga, o bom gosto artistico e o conhecimento das predilecções e do gosto do nosso publico, a sciencia difficilima de tratar com esse publico e com esses artistas, a habilidade rarissima, excepcional de affastar todos os atrictos, de desfazer tranquillamente todas as difficuldades, de manter permanentemente o equilibrio necessario tanto no palco como cá fóra tanto com os seus escripturados como com os seus frequentadores, esse equilibrio que Valdez soube sustentar durante cerca de 20 annos de administração theatral.

E o facto perfeitamente estranho, phenomenal, que é o resultante d'essa sua sciencia e d'essa sua habilidade, e que é ao mesmo tempo o seu maior titulo de gloria, é este: ter sido durante perto de 20 annos emprezario do theatro de S. Carlos, ter tratado durante perto de 20 annos com artistas, com cantores, com duas gerações de publico, com todos os governos que durante esse largo periodo tem mandado no nosso paiz, e não ter inimigos, viver sem odios, sem rancores, e rodeado sempre de sympathias e dedicações sinceras, morrer sem rancores nem odios, deixando apenas em todos que com elle tinham tratado, lagrimas e saudades profundissimas.

E para quem sabe o que é viver n'um theatro, governar uma grande nau como é o theatro de S. Carlos, sobre tudo dada a excepcional importancia que em Lisboa tem esse theatro, este resulta do chega a ser um verdadeiro assombro.

*
* *

Antonio de Campos Valdez, filho do desembargador da Relação Francisco Manuel de Campos e de D. Henriqueta Godinho Travassos Valdez, nasceu em Alcacer do Sal em 5 d'agosto de 1837: ia portanto fazer 52 annos.

Aparentado por sua mãe e por seu pae com muitas familias distinctas da nossa terra (Bomfins, Penalva d'Alva e outras). Campos Valdez foi destinado desde muito novo á carreira militar e cursou as aulas da Escola Polytechnica. Mas não era para o exercito que o chamava a sua vocação, era para o theatro.

Estudava com muito mais enthusiasmo a musica do que as mathematicas, fazia muito mais progressos no piano do que na balistica e aos 20 annos, já era um pianista distincto e um musico erudito. Campos Valdez era assiduo frequentador do theatro de S. Carlos, e dos frequentadores mais ardentes, mais enthusiastas, mais ruidosos.

Tinha o seu logar de assignatura, cá no fundo da platéa, no ultimo banco da geral, um banquinho de dois logares apenas, e d'ahi se tornava notavel ou pelo enthusiasmo, pelo calor com que applaudia um artista, ou pela furia, pelo desespero com que pateava outro.

E dava sempre nas vistas e era já conhecido como um dos cabeças de motim da platéa de S. Carlos, e era temido e respeitado pelos artistas, porque Campos Valdez não applaudia ou pateava a torto e a direito, por desfastio, por mau humor, por capricho, por fazer bulha, era um entendedor a serio e a sua pateada e as suas palmas representavam uma opinião auctorisada, uma critica a valer, feita ruidosamente de mais sim, mas com criterio, com razão.

N'esse tempo Valdez, o gordo Valdez que nós todos conhecemos era um rapazinho, magro, esguio, delgado, quasi anemico. Deitava canadas e canadas de sangue pela bocca, toda a gente o imaginava tisico, e ás vezes quando elle estava muito influido nas suas manifestações de *dilletanti*, os que o conheciam olhavam para elle com dó e commentavam lastimando:

—O que faz a mocidade! Com o pé na cova e ainda com aquelles enthusiasmos! Pobre rapaz!

Com os annos a tisica foi-se e veio a gordura, aquella obesidade enorme que fazia prever tristemente aos seus amigos o fim que o esperava— a apoplexia!

*
* *

Campos Valdez foi emprezario do theatro muito novo ainda: aos 24 annos.

Foi em 1861 quando á empreza Corradini succedeu a empreza Frescata & C.ª

A companhia era elle.

Desde o primeiro dia que poz o pé no palco de S. Carlos como emprezario a sua individualidade desenhou-se logo, a salutar influencia das suas raras aptidões sentiu-se immediatamente.

E de 1861 até 1873 Valdez foi sempre emprezario de S. Carlos — 12 annos a fio, e n'esses 12 annos apresentou ao publico de Lisboa o Mongini, o Naudin, o Lotti, a Galletti, o Fancelli, o Junca, a Borghi-Mamo, a Volpini, a Rei Balla, as Marchiosis, o Petit, o Squartia, o Pandolphini, a Fricci, o Cotogni, a Benza, a Harris, o Massini, a Ferruci; fez-lhe ouvir o *Fausto*, a *Africana*, a *Hebrea*, a *Linda*, o *Chrispim e a Comadre*, a *Ione*, o *Ruy Blas*, o *Caligula*, o *Arco de Sant'Anna* e o *Eurico* e por cima de tudo isto fez-lhe ver o mais formoso grupo de dansarinas que Lisboa tem contemplado, o corpo de baile Viennense, que era dirigido por Katti Laner, uma celebridade chrographica que ainda hoje está tendo grande *successo* como bailarina compositora em Londres, e de que fazia parte a Bertha-Linda, uma austriaca não menos celebre pela sua extraordinaria belleza e que depois casou com o afamado pintor viennense Mackart.

Em 1873 fatigado de ser emprezario tanto tempo a fio quiz descançar e deixou a pasta, como fazia o Fontes depois d'aquelles seus longos ministerios.

Descançou 10 annos, dez annos durante os quaes houve pelo theatro de S. Carlos uma serie de emprezas de transicção que duraram o que duravam os ministerios do duque d'Avila, e por fim em 1883, rescendido o contracto á empreza Freitas Brito, que foi a que mais tempo se auguentou e que mais provas deu de aptidão e que melhores serviços prestou ao publico n'esse tempo, Valdez foi chamado para administrar por conta do governo o theatro durante 1 anno, e em 1884 posto o theatro a concurso era-lhe adjudicado por cinco annos, adjudicação que terminou em abril: e que lhe fora agora renovada, em concurso, sendo-lhe dias antes da sua morte dado o theatro por mais cinco annos.

N'estes ultimos cinco annos da sua segunda gerencia do theatro de S. Carlos, Valdez como que presentindo proximo o seu fim, quiz assignalar a sua administração por uma serie de novidades artisticas importantissimas e começou a encher o theatro de S. Carlos de *estrellas* de primeira grandeza; trouxe cá a celebre Patti, e trouxe-a duas epocas, e a Devriés, a Nevada, a Van-Zandt, a Theodorini, a Tetrazini, que ainda ultimamente tão grandes *successos* teve e o Massini, o Batistini e o Devoyod e abriu de par em par as suas portas a artistas e a operas portuguezas, aos Andrades, a Regina Paccini, á *Derelita* do Visconde do Arneiro, á *Laurianna* e aos *Dorias* de Augusto Machado, á *D. Branca* de Alfredo Keil que tão triumphal exito alcançou, sem contar as obras primas da musica moderna que poz em scena, a *Carmen*, o *Rei de Lahore*, o *Romeu e Julietta* de Gounod, os *Pescadores de Perolas*, a *Lakmé*, a *Gioconda* e por ultimo como corôa da sua magnifica obra de emprezario lyrico, o famoso *Otello* de Verdi.

Agora para a nova epoca Valdez preparava já novidades de grande importancia, pensava em trazer cá o João de Reské, que é considerado hoje o 1.º tenor do mundo, em escripturar para um certo numero de representações a Malbé, tinha já contratada a Van-Zandt, e resolvera fazer ouvir na proxima epoca uma opera portugueza nova, de assumpto bem portuguez e d'um maestro nosso dos mais eruditos e talentosos o *Frei Luiz de Souza* do maestro Gazul o illustre professor do Conservatorio.

Infelizmente a morte veio surprehendel-o no meio de tão bellos planos e quando nos despedimos d'elle nas vesperas de partir para Paris, esperando d'ali a semanas vel-o chegar com o seu elenco completo para a epoca de 1889-1890 mal sabiamos nós que apertavamos pela ultima vez aquella mão leal e que em vez d'elle nos mandar de lá noticia das escripturas que ia realisando, havia de o telegrapho trazer-nos a noticia da sua morte.

*
* *

Campos Valdez morreu em Paris no Grand Hotel, quasi repentinamente na madrugada do dia 8 de maio.

De noite dera-lhe uma congestão que o prostou logo: os medicos chamados á pressa consideraram-n'o immediatamente perdido e de facto d'ali a poucas horas Valdez exalava o ultimo suspiro longe da patria, longe de sua esposa e de seus filhos que estremecia e por quem era adorado.

Um dos seus filhos, o sr. Francisco Valdez chegava a Paris a reunir-se a seu pae, horas depois de elle ter morrido.

A triste noticia foi-lhe dada na estação, ao apear-se do caminho de ferro, pelo Visconde de Melicio amigo intimo de Valdez e que o acompanhou nos seus ultimos momentos. A morte de Campos Valdez causou profunda consternação na colonia portugueza de Paris que quasi toda assistiu aos officios funebres, e o acompanhou ao cemiterio onde o seu cadaver ficou depositado, e d'onde será trasladado para a sua patria.

Nos officios funebres tomaram parte espontaneamente como cantores o tenor Talazac e o baixo Lorrain, que tinham sido escripturados de Valdez em S. Carlos e tinham por elle a sympa-

thia e a estima que elle inspirava a todos que se lhe acercavam.

A mãe de Maria Van-Zandt assistiu ao funeral, e a celebre cantora enviou uma formosa corôa para ser deposta sobre o caixão que encerrava o cadaver d'aquelle que fôra seu emprezario.

* * *

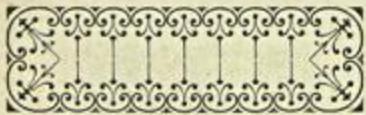
Valdez era casado com a Ex.ma Sr.a D. Maria Guerra de Campos Valdez de quem teve nove filhos dos quaes vivem sete. A sua casa em Alcacer do Sal, terra da sua naturalidade era uma das mais importantes e ricas d'aquelle concelho; Campos Valdez era ali adorado e exerceu varios cargos administrativos e foi varias vezes eleito deputado ás cortes pelo circulo de Alcacer, e agora era-o pelo circulo de S. Thiago do Cacem. Campos Valdez estava filiado no partido progressista, mas nunca foi politico ferrenho: era um partidario leal, mas não era faccioso, e a sua grande preoccupação não era a politica era o theatro de S. Carlos.

Paz á sua alma, e gloria á sua memoria illustre e honrada!

G. L.

ANTONIO DE CAMPOS VALDEZ

FALLECIDO EM PARIS, EM 8 DO CORRENTE

(Segundo uma photographia de Sollas)

AS NOSSAS GRAVURAS

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

«O VAPOR MAC-MAHON»

O pequeno vapor *Mac-Mahon* que reproduzimos em gravura, foi mandado fazer em Inglaterra pelo governo portuguez, para serviço de reboques e outros do porto de Lourenço Marques.

O nome de *Mac-Mahon* que lhe foi posto, significa uma homenagem de Portugal ao ex-presidente da Republica Franceza que foi arbitro na nossa questão de direitos da bahia de Lourenço Marques que ha annos tivemos com a Inglaterra, e cuja decisão foi em favor de Portugal.

O vapor *Mac-Mahon* tem de comprimento 124 pés, de maxima bocca 21 pés, 9 pés de pontal e 7 de calado na linha d'agua carregado.

Tem tombadilho até á ponte que fica por entre-a-vante da chaminé e um pequeno castello de prôa. Tem cinco estanques sendo o de vante destinado a conter vinte toneladas d'agua doce que servem de lastro e de alimentarem a caldeira quando o condensador não possa funccionar.

As duas machinas que tem são de triplece expanção, e a caldeira é de aço só podendo-se encher de agua doce.

Tem trez gazometros com a competente bomba para comprimir o gaz.

Aparelha com latinas em dois mastros, tem duas velas de prôa, uma pequena baleira salva-vidas e um bote.

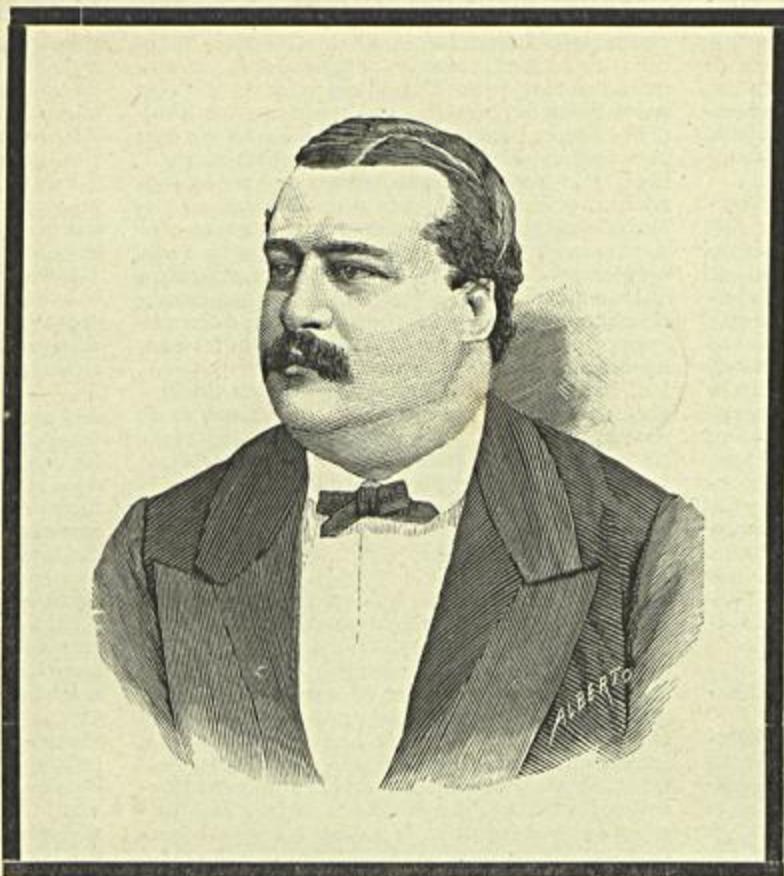
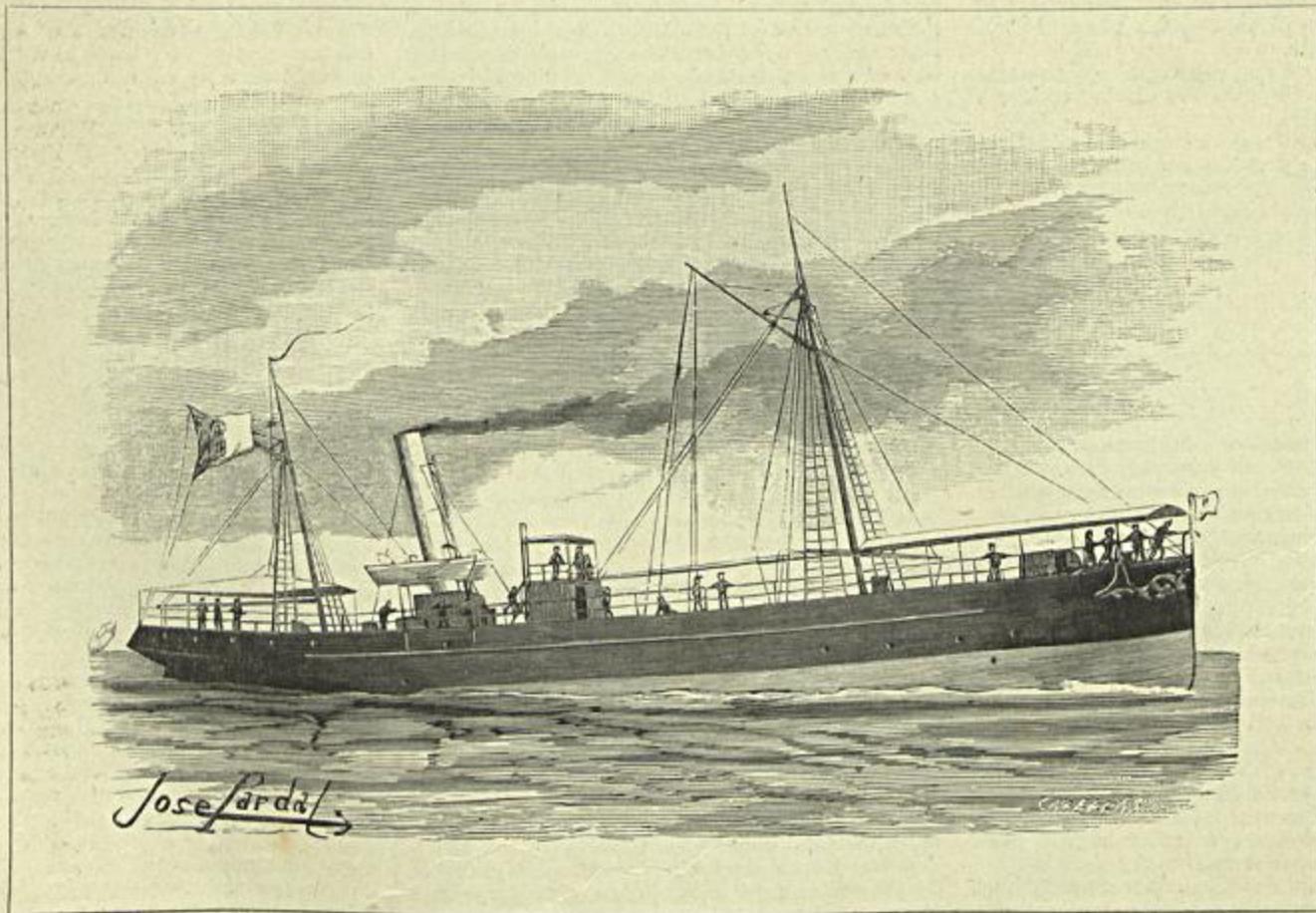
Parece que este barco não é de solida construcção porque logo ás primeiras experiencias revelou a sua fragilidade partindo-se algumas peças do seu aparelho, entre ellas os supportes do molinete, alem de ter tido incendio a bordo em dois camarotes situados debaixo da ponte, pela razão das anteparas da ré d'estes camarotes estarem quasi encostadas á caldeira, não sendo este o menor defeito que tem o barco no que respeita as suas commodidades e segurança.

Se tivesse sido feito em Portugal, não faltaria critica contra a industria nacional, mas como veio do estrangeiro, tanto basta para que seja magnifico.

O *Mac-Mahon*, cujo commando foi confiado ao digno primeiro tenente da armada sr. Guilherme Augusto da Cunha e Silva, teve uma viagem difficil de Inglaterra para Lisboa, precisando arribar a Plymouth para reparar algumas avarias que recebeu no grande temporal que o assaltou entre Tréporte e aquelle porto.

Que Deus o leve em bem até Lourenço Marques quando para lá partir.

O GAZOMETRO DA NOVA COMPANHIA «GAZ DE LISBOA»

Em 1887 a Camara Municipal de Lisboa abriu

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — O VAPOR «MAC-MAHON»

(Dezenho de J. Pardal)

concurso para a illuminação da cidade, por terminar no anno seguinte o contracto que tinha com a *Companhia Lisbonense de Illuminação a Gaz* para aquelle fim.

A esse concurso concorreram a antiga concessionaria e a sociedade *Eclairage du Centre* da Belgica, a qual acceitou com vantagem as condicções apresentadas pela Camara Municipal, condicções a que a antiga companhia não se poude sujeitar.

O concurso realisou-se em 9 de julho de 1887 e a 14 de outubro do mesmo anno foi firmado o contracto para a illuminação de Lisboa entre a Camara Municipal e a nova companhia *Gaz de Lisboa*, que já então tinha obtido por trespasse da sociedade *Eclairage du Centre* a concessão para esses effeitos.

Logo em seguida, a 8 de novembro constituiu-se deffinitivamente a nova companhia, que elegeu presidente ao sr. conselheiro Barjona de Freitas.

Afinal venceram-se essas difficuldades conseguindo-se da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, um pequeno desvio no traçado da linha de Cascaes, que segundo a planta approvada pelo governo, cortava o terreno de modo a inutilisal-o para as construcções que a companhia do gaz pertendia levar a effeito.

Para se obter este resultado favoravel foi preciso todo o auxilio da camara, muito especialmente por parte do digno presidente e a boa vontade da Companhia dos Caminhos de Ferro em attender as razões apresentadas pela nova companhia do gaz.

Esta pendencia fez demorar o principio dos trabalhos até maio de 1888, em que a companhia poude emfim tomar posse dos terrenos.

Foi, portanto, n'aquelle mez que se principiou a construcção do gazometro e mais officinas que a nossa gravura reproduz.

O gazometro telescopico construido tem a capacidade de 20:000 metros cubicos em cuba metallica.

Junto construiram-se duas baterias de cinco fornos simples com oito retortas cada um, e mais duas baterias de cinco fornos de recoperação com nove retortas cada um.

Construiram-se armazens para carvão e outras officinas necessarias para o fabrico.

Esta fabrica assim organisada póde produzir 30:000 metros cubicos de gaz em cada vinte e quatro horas.

A canalisação feita na cidade mede cerca de 250 kilometros, dos quaes 140 foram fornecidos pelas fundições portuguezas em tubos de diametro inferior a quatro decimetros, tendo os restantes de serem importados do estrangeiro pela impossiblidade de no paiz se fabricar tubagem de diametro superior.

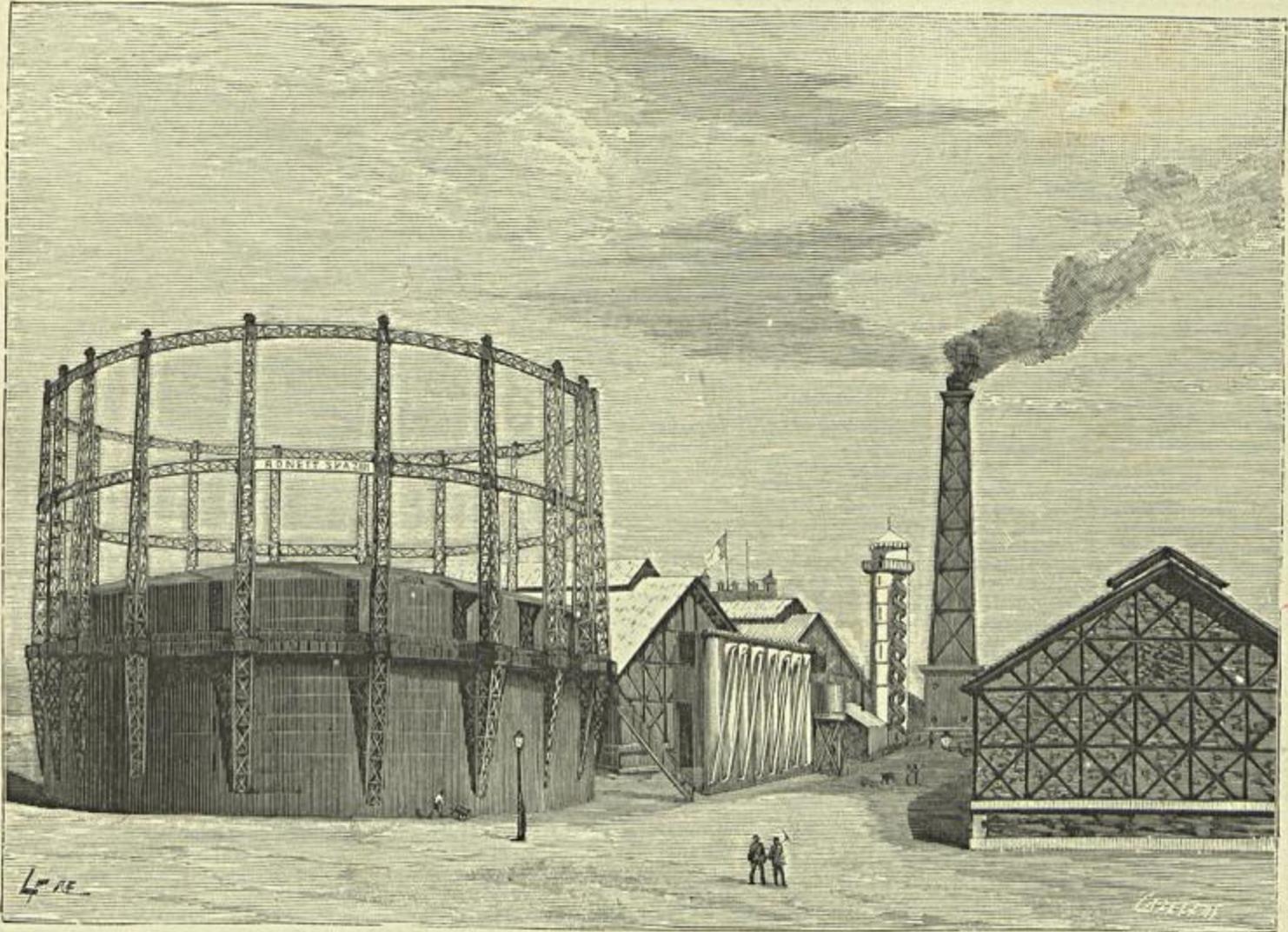
Attendendo a esta circumstancia, o governo em virtude de uma lei especial votada em côrtes em 2 de agosto de 1888, isentou de direitos a importação de tubagem superior ao diametro de 40 centimetros que a companhia mandasse vir do estrangeiro.

Alem das construcções feitas em Belem, a nova companhia adquiriu na Avenida da Liberdade 700 metros de terreno para estabelecer uma estação electrica onde devem funccionar os apparelhos para a illuminação electrica da Avenida e estabelecimentos que queiram usar esta luz, sendo o theatro de D. Maria II um dos que a vae aproveitar.

Até 31 de outubro do anno passado tinha a companhia dispendido em obras 933:895$268. Esta cifra hoje deve estar consideravelmente augmentada.

Desde o mez de abril ultimo que o bairro de Belem se acha illuminado pela nova companhia, e por todo o proximo mez de junho deverá essa illuminação estender-se a toda Lisboa.

Parece que d'esta vez Lisboa ficará sufficientemente illuminada, porque alem do gaz da nova companhia apresentar mais força luminosa, que o antigo — e isto muito principalmente em consequencia da canalisação ser nova e mais ampla — o numero de candieiros é maior por estarem collocados a mais curto espaço uns dos outros.

A' actual Camara Municipal se deve este importante melhoramento e muito em especial ao seu digno presidente sr. Fernando Palha pela energia com que procedeu na intrincada questão da illuminação publica.

GAZOMETRO DA NOVA COMPANHIA «GAZ DE LISBOA»

(Dezenho do natural por L. Freire)

A companhia constitui-se em sociedade anonyma de responsabilidade limitada com o capital de 1.260:000$000 réis dividido em 28:000 acções de 45$000 réis. Estas acções vencem o juro de 5% sobre o capital desembolsado, durante o periodo das construcções a fazer.

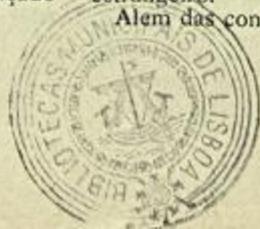
Antes de se principiarem os trabalhos tentou-se realisar uma fusão entre a nova companhia e a antiga, mas não tendo sido possivel chegar a accordo, a companhia *Gaz de Lisboa* deu principio aos seus trabalhos de installação, principiando por escolher local para a construcção do gazometro e mais officinas dependentes.

O logar escolhido foi em Belem, n'um terreno proximo á torre e pertencente á Camara Municipal, que lh'o cedeu por licença mediante o pagamento de taxas annuaes susceptiveis de augmento proporcional ao dezenvolvimento de producção da nova companhia.

A companhia, porem, só poude tomar posse d'estes terrenos com grandes difficuldades, pela razão de haverem duvidas sobre o direito com que a Camara dispoz de parte d'elles, assim como de outra parte estar comprehendida no traçado da linha ferrea de Lisboa a Cascaes.

RUINAS DA EGREJA MATRIZ DA BATALHA

A villa da Batalha e um dos logares mais gloriosamente celebres da historia do nosso paiz, pelo grande feito das armas portuguezas contra o exercito de Castella de que foi theatro e em que os portuguezes alcançaram a mais assignalada victoria, que foi o inicio de uma epoca cheia de factos gloriosos, que eternisaram o nome portuguez, tão gloriosos que, decorridos tres seculos, ainda se refletem n'este Portugal d'hoje, dando-lhes um resto de importancia que o mundo respeita, pelo muito que nossos maiores então trabalharam para a grande obra da civilisação.

A famosa batalha de Aljubarrota, em que o Mestre d'Aviz, D. João I empenhou todo o seu

grande valor, e de que dependiam os destinos de Portugal, feriu-se em uma grande planicie ou valle, Proximo de Aljubarrota, e quando na madrugada do dia 14 de agosto de 1385, ali acampava o valoroso rei com o seu pequeno exercito, antes de principiar a acção, quiz D. João I preparar-se espiritualmente com os sacramentos da confissão e da communhão, pratica que os seus soldados tambem seguiram.

Foi o arcebispo de Braga D. Lourenço, quem ouviu de confissão o rei e lhe ministrou a communhão, findo o que o Mestre d'Aviz, orou á Virgem, diante de uma imagem que trazia em seu oratorio, e lhe rogou para que lhe desse a victoria na tremenda lucta que se ia travar, fazendo n'essa occasião voto de erigir á virgem um sumptuoso templo se ella lhe permittisse essa victoria.

As armas portuguezas triumpharam e D. João I cumpriu religiosamente o seu voto.

N'aquella mesma planice onde se ferira a batalha e nos terrenos da Quinta do Pinhal que ali existia, mandou o rei victorioso construir o grandioso templo, que é um dos primeiros do mundo levantado ao culto christão, e uma das maravilhas d'arte que ha para admirar.

O mosteiro foi dedicado a Santa Maria da Victoria e habitado por frades dominicanos.

Segundo a opinião dos mais estudiosos investigadores, em que se conta o auctorisado voto do sr. Vilhena Barboza, a construcção da sumptuosa fabrica deve ter tido principio no anno de 1386 ou um anno depois da victoria, a as obras começaram e seguiram com assiduidade, empregando desde logo grande numero de operarios.

Para estes operarios foi mister construir habitações, e então em volta da grande fabrica principiaram a gruparem-se pequenas casas com que se fundou a povoação que tomou o nome de Batalha.

Para as casas que havia na referida quinta do Pinhal, foi, por ordem de El-rei, viver fr. Lourenço Lampreia, seu confessor, com mais alguns companheiros da sua ordem, em quanto o mosteiro não se concluia, e para que elles podessem fazer os seus officios e praticas religiosas, mandou o mesmo monarcha edificar ali proximo uma pequena ermida.

Foi esta ermida que durante mais de um seculo serviu de egreja matriz á pequena povoação que fundou a Batalha, até que em 1512 el-rei D. Manuel mandou edificar uma egreja parochial com a invocação da Santa Cruz a qual ficou concluida em 1532.

Já então el-rei D. Manuel tinha desannexado, em 1499, a pequena povoação da Batalha do termo de Leiria e feito villa.

Poucos conhecem a pequena ermida que a nossa gravura reproduz tal como está, em ruinas, fielmente desenhada pelo nosso estimado collaborador artistico sr. João Ribeiro Christino.

Não admira que assim succeda, porque o grandioso templo da Batalha absorve de tal modo as attenções dos que o visitam, que a pequena ermida arruinada passa desapercebida.

Mas aquelle pequenissimo templo, que n'outro paiz seria cuidadosamente conservado, tem o valor historico dos monumentos que se relacionam com as glorias da patria, pois é certo que foi edificado antes do grandioso mosteiro, e por isso a primeira pedra, para assim dizermos, d'aquelle glorioso monumento.

Um pedido fazemos aqui a quem competir, salvem aquella reliquia da completa ruina, evitando ao menos que desappareça de todo.

O ESCARAVELHO DE OURO

CONTO DE EDGAR POE

(Continuado do n.º 374)

«Vê que não ha divisões entre as palavras. Se as houvesse, o trabalho seria relativamente facil, e em tal caso teria começado por fazer um cotejo e uma analyse das palavras mais curtas, e se encontrasse, como succede frequentemente, uma palavra de uma só lettra (*a* ou *I*, por exemplo), teria considerado segura a solução. Mas não havendo espaços, o que me cumpria primeiro que tudo era notar os caracteres predominantes e os que figuravam em menor numero. Contei-os todos e formei esta taboa:

O caracter 8 encontra-se 33 vezes
» ; » 26 »
» 4 » 19 »
» ‡) » 16 »
» * » 13 »
» 5 » 12 »
» 6 » 11 »
» †1 » 8 »
» 0 » 6 »
» 92 » 5 »
» :3 » 4 »
» ? » 3 »
» q » 2 »
» —. » 1 »

«Ora a lettra que se encontra mais frequentemente em inglez é o *e*. As outras succedem-se por esta ordem: *a o i d h n r s t u y c f g l m w b k p q x z*. O *e* predomina de tal modo que é rarissimo haver uma phrase um pouco extensa em que elle não seja a lettra principal.

«Temos pois logo no começo uma base de operações que nos dá alguma cousa mais do que uma leve conjectura. O uso geral que se pode fazer da taboa é obvio; mas n'esta cifra especial só uma ou outra vez teremos que recorrer a ella. Sendo portanto 8 o nosso caracter predominante, começaremos por tomal-o pela lettra *e* do nosso alphabeto natural. Para verificarmos esta supposição, vejamos se o 8 se encontra muitas vezes dobrado, porque o *e* dobra-se frequentemente em inglez, como, por exemplo, nas palavras *meet*, *fleet*, *speed*, *seen*, *been*, *agree*, etc. No caso presente vemos que não se dobra menos de cinco vezes, não obstante ser curto o cryptographo.

«Temos pois que o 8 representa *e*. Agora de todas as *palavras* da lingua a mais usual é *the*; por consequencia precisamos ver se não se acha muitas vezes repetida a combinação dos tres caracteres, que tem por ultimo o *8*. Se acharmos repetições d'estas lettras assim combinadas, é mais do que provavel que representarão a palavra *the*. Feito o exame, não achamos menos de sete das taes combinações, cujos caracteres devem ser *;48*. Podemos pois suppor que *;* representa *t*, *4* representa *h*, e 8 representa *e*, achando-se assim o valor d'esta ultima novamente confirmado. Isto é já um grande passo dado no caminho que temos que percorrer.

«Determinámos apenas uma palavra, é verdade, mas esta simples palavra habilita-nos a resolver um ponto muito mais importante, isto é, o começo e terminação de outras palavras. Vêmos, por exemplo, o penultimo caso, em que se apresenta a combinação *;48* quasi no fim da cifra. Sabemos que o; que vem logo depois é o principio de uma palavra, e dos seis caracteres que seguem esse *the* não conhecemos menos de cinco. Substituamos pois estes caracteres pelas lettras que representam, deixando um espaço para o desconhecido:

t eeth

«Somos obrigados a pôr de lado o *th*, como não fazendo parte da palavra que começa pelo primeiro *t*; visto não haver em todo o alphabeto uma unica lettra com a qual possamos formar uma palavra em que figure o *th*. Limitando-nos pois a

t ee

e, recorrendo novamente ao alphabeto, se é necessario, formamos a palavra *tree* (arvore) como a unica licção possivel. Ganhamos portanto uma nova lettra *r*, representada por (, com as palavras *the tree*, em juxtaposição.

«Um pouco adeante d'estas palavras encontramos outra vez a combinação *;48*, da qual nos servimos como *terminação* do que precede immediatamente. Isto dá-nos a seguinte coordenação:

the tree ;4 (‡?34 the

ou, substituindo pelas lettras naturaes os caracteres que conhecemos:

the tree thr ‡?3h the.

«Agora, se em logar dos caracteres desconhecidos puzermos espaços ou reticencias, leremos:

the tree thr...h the,

e a palavra *through* immediatamente salta aos nossos olhos. Este descobrimento dá-nos tres novas lettras, *o*, *u* e *g*, representadas por ‡ ? e *3*.

«Procurando agora com attenção na cifra combinações de caracteres conhecidos, achamos, não muito longe do começo, esta cordenação:

83(88, ou *egree*,

que é evidentemente a conclusão da palavra *degree*, e que nos dá uma outra lettra, *d*, representada por †. Quatro lettras adeante da palavra *degree*, encontramos a combinação

;46(;88.

«Trasladando os caracteres conhecidos, e representando o desconhecido por um ponto, como já fizemos, lemos:

thr. tee,

coordenação que nos suggere immediatamente a palavra *thirteen*, e nos offerece mais dois novos caracteres, *i* e *n*, representados por 6 e *.

«Ora, no principio do cryptographo achamos a combinação,

53‡‡†.

«Traduzindo, como fizemos antes, obtemos:

.good,

o que nos demonstra que a primeira lettra é *A*, e que as duas primeiras palavras são *A good*.

«Mas já é tempo de pormos por ordem o que descobrimos, para evitar confusão. Sabemos que:

5 representa *a*
† » *d*
8 » *e*
3 » *g*
4 » *h*
6 » *i*
* » *n*
‡ » *o*
(» *r*
; » *t*

«Temos portanto dez lettras das mais importantes; desnecessario é para a solução entrarmos em mais minuciosidades. Disse-lhe o bastante para convencel-o de que cifras d'esta natureza são faceis de interpretar, e dar-lhe alguma idéa do methodo que se segue para esse fim. Mas póde crêr que o especimen cryptographico que temos á vista é dos mais simples.

(Continúa) *Francisco de Almeida.*

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XIV

O Quim, depois d'elles sahirem ficou cheio de amargos de bocca como se na vespera tivesse tido uma indigestão.

Sua irmã um pouco assustada veio logo perguntar-lhe o que era, o que lhe queriam aquelles rapazes, se ella se não tinha enganado e se realmente se tratava de duello.

— Não! qual historia! Duello! Que idéa tão desparatada! respondeu o Quim com um risinho amarello, e tentando apparentar o ar mais indifferente d'este mundo.

— Mas, então que negocio era esse tão urgente, que não podia esperar? perguntou ella meia desconfiada.

— Era lá umas coisas da companhia: uns seguros...

— Ah! esses rapazes queriam segurar a mobilia?

— Exactamente, querem pôr a mobilia, no seguro emfirmou o Quim.

E ao mesmo tempo lá no seu intimo dizia com os seus botões:

— E quem me dera a mim poder pôr no seguro as minhas costas.

— Mas é exquisito, insistiu a Ermelinhas: para segurar a mobilia, tanta pressa, dizerem-me que não sabiam d'aqui sem te fallar...

— E' porque era uma coisa muito urgente, explicou o Quim atrapalhadissimo, bem vês que não estando uma mobilia segura póde vir de repente um fogo e lá leva tudo... tem-se visto muitos casos...

— Pois sim, mas não é assim uma sangria desatada.

— E' que estes rapazes tem o sangue na guelra querem tudo muito depressa.

— E depois, ponderou ainda a Ermelinhas que decididamente estava com a pedra no sapato, e

depois tu és recebedor da companhia, não és director, e os seguros tratam-se com os directores, não é assim?

— Com os directores ou com outros empregados, isso é indifferente...

— Mas...

— Elles não conhecem lá ninguem, e dirigiram-se a mim por indicação d'um amigo...

— Ah! d'um amigo... mas que amigo...

— E se nós fossemos jantar interrompeu para pôr termo aquelle interrogatorio que o torturava, o Quim, que já não sabia o que havia de responder.

— Já tens vontade?

— Já, o somno abriu-me o apetite.

— Então vamos a isso, elle está prompto.

D'ali a nada os dois sentavam-se á meza, mas o Quim apezar do tal apetite que o somno lhe tinha aberto, quasi que não provou o jantar.

XV

No dia immediato de manhã o Quim foi de novo arrancado ao seu somno por sua irmã.

A noite tinha sido terrivel, e apezar de querer fazer das tripas coração, de querer atirar ao desprezo a carta insolentissima do Dominguinhos, de não fazer caso d'aquella creancice, o Quim tinha a carta atravessada na guela, e durante grande parte da noite não pudera pregar olho, e quando por accaso começava a dormitar era para sonhar com duellos, com tiros, espadas e pancadaria a cahir.

Exactamente, quando mais ferrado no somno, o seu espirito deixára de labutar, e dormia um bocadinho socegado foi que a Ermelinhas o chamou.

Elle accordou zangado, mas ao vêr sua irmã a zanga passou-lhe logo e foi substituida por uma especie de terror.

— O que é? Para que me chamas?

— Está ali ..

— Os rapazes d'hontem? concluiu elle logo n'uma interrogação muito tremula e fazendo-se extraordinariamente pallido.

— Não, o nosso visinho cá de baixo.

— O major?

— Sim.

— A estas horas?

— Quer fallar-te já, por causa d'uma coisa urgente e de interesse teu.

— De meu interesse?

— Sim.

O Quim ficou muito espantado.

Que demonio lhe quereria o major Rodrigues? E pelo espirito passou-lhe logo uma idéa aterradora!

Queriam vêr que seria por causa do homem de capa á hespanhola, o namorado da visinha para quem elle Quim fôra na madrugada do dia anterior major Rodrigues?

Mas o resto que sua irmã dissera: «para interesse d'elle» desvaneceu-lhe essas suspeitas terriveis.

E sem medo, mas cheio de curiosidade o Quim vestiu-se n'um momento e dirigiu-se á sala onde o esperava o visinho major.

— Adeus visinho, disse-lhe o major.

— Sr. major, eu peço-lhe desculpa de o ter feito esperar...

— Não tem de que. Eu vim aqui tão cedo, principiou o major a dizer em voz solemne ..

Espantado com essa solemnidade o Quim olhou-lhe para a cara e empallideceu.

O major Rodrigues estava com cara de caso.

— Eu vim aqui tão cedo porque tenho que lhe fallar n'um assumpto grave.

O Quim olhou-o aterrado.

— Bem grave, confirmou o major, accentuando bem as suas palavras.

Fez-se um pequeno silencio.

— Sou seu amigo e por isso é que venho aqui, proseguiu o major.

No corpo de Quim entrou como que uma alma nova.

— Eu sou assignante do *Jornal do Commercio*, participou inesperadamente o major.

— Ah! é assignante do *Jornal do Commercio*? repetiu muito admirado o Quim sem perceber que demonio teria a vinda do major a sua casa com a assignatura do *Jornal do Commercio*.

— Sou, e ainda bem para o senhor que o sou...

— Ainda bem?

— Sim: o *Jornal do Commercio* de hoje falla do senhor.

— De mim? perguntou o Quim profundamente surprehendido e olhando com certo receio.

— Sim senhor, falla do senhor infelizmente!

— Infelizmente?

— Infelizmente!

— Mas o que diz elle?

— Leia, tornou com uma inflexão e um gesto theatral o major tirando da algibeira um numero do *Jornal do Commercio* e entregando-lh'o melodramaticamente.

O Quim pegou no jornal, e começou a ler...

— Não é ahi, aqui, indicou o major.

E o Quim leu:

«COMMUNICADO»

Ill.mo Sr. Redactor

«Tendo tido aggravos d'um tal sr. Joaquim Barradas...

Muito espantado o Quim suspendeu a leitura para ver quem firmava o tal communicado.

Era o Dominguinhos Pereira.

E fazendo-se vermelho como a christa d'um gallo leu o communicado todo.

O Dominguinhos participava ao redactor do jornal, a tres vintens a linha, que tendo tido aggravos d'elle Quim, o mandara procurar por dois amigos a quem fizera portador da seguinte carta (e transcrevia textualmente sem lhe faltar uma virgula) a epistola insolentissima que na vespera lhe mandara e que em vez da resposta que esperava d'um homem digno e de coragem, recebera a resposta evasiva, atoleimada e cobarde, que os seus dois amigos lhe communicavam n'uma rapida carta, breve mas muito insolente para Quim, e que publicava tambem na integra

O Quim leu o communicado todo e depois ficou-se, com os olhos fitos no jornal, sem dar palavra.

— Já leu? perguntou o major Rodrigues.

— Já! monosyllabou o Quim sem se atrever a olhar para o major.

— E já sabia? inqueriu o major no mesmo tom sacudido de interrogatorio de conselho de guerra.

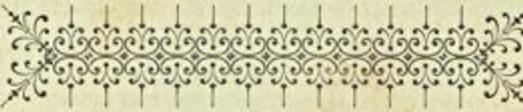
— Já! respondeu o Quim.

— E então?

— Então esse tal Domingos Pereira é um fedelho, um creançola que anda no Lyceu!...

— Mas seja fedelho ou homem isto não pode ficar assim, decidiu logo o major sem esperar por mais resposta.

Gervasio Lobato.

(Continúa).

REVISTA POLITICA

A politica tem dado tanto que fallar de si n'estes ultimos dias, que não sabemos por onde principiar a informarmos os nossos leitores.

Seguiremos a ordem chronologica dos factos, sem nos impacientarmos, por chegar ao ultimo, aquelle que mais bulha fez e mais pranchadas dos sabres da policia provocou: o comicio republicano da Torrinha, logar que se vae tornando tão celebre como o celebre galheteiro do Rocio de saudosa memoria para os oradores patriotas da *Patriotica*.

Sigamos a ordem dos factos principiando pela votação na camara dos deputados, das varias moções de censura ao governo apresentadas pelos oradores da opposição a respeito do pagamento da divida mansa, e de outras tantas moções de confiança apresentadas pelos oradores da maioria, sobre o mesmo assumpto.

Essa votação foi favoravel ao governo, como era de prever, visto a maioria que tem, e para se chegar a esta conclusão prevista, levou-se um mez a interpelar o governo e a estafar-se a rethorica por ambas as partes, exhibindo cada qual os seus dotes oratorios como se estivessem n'uma academia, aparte algumas notas discordantes, que pelo seu realismo, mais pareciam ouvir-se em uma taverna.

Mas nem todas as flores tem aroma e algumas ha que o tem desagradavel, sem que por isso deixem de terem os seus apaixonados.

Ao tempo que o governo vencia esta campanha na Camara dos Deputados, votava-se na Camara dos Pares uma outra moção de confiança com respeito á questão dos vinhos, o que não impediu de cá fóra continuar no mesmo pé, proseguindo os negociantes do Porto nos seus protestos contra o contracto de 15 de Março, com que não se conformam.

Arrumada a questão da divida mansa, com que a opposição pertendia derrubar o governo, esta voltou a fazer côro com os negociantes de vinhos, e tem chovido no parlamento as interpelações ao governo sobre os comicios do Porto contra o tal contrato, que tem posto a segunda cidade do reino em alboroto.

Ora esses comicios do Porto não tem, em verdade, a importancia que a opposição lhes quer dar e estão longe de ser uma legitima defeza de interesses feridos. São simplesmente uma questão politica em que apenas entram os interessados em deitar abaixo a situação.

É claro que a politica serve-se das armas que póde para os seus fins, e então cada qual puchar a braza á sua sardinha, não é cousa que fique mal a ninguem e muito menos em politica.

Estas scenas tem-se repetido tanto, que o que mais admira é que haja quem ingenuamente se lhes associe, levando pranchadas e dando aos calcanhares quotidianamente a um tanto por cabeça.

Mas o povo, que é a eterna criança, illude-se facilmente e lá vae engrossar os comicios mesmo sem saber de que se trata, e portanto sem saber se é dos seus interesses se dos interesses de quem explora

Está perfeitamente n'este caso a questão dos vinhos, que de resto, não se sabe bem porque levanta tantos protestos, quando apenas se trata de garantir o principal commercio do paiz contra o descredito dos nossos vinhos no estrangeiro.

Crêmos que os pobres trabalhadores que se occupam no trafego dos vinhos, nada tem com esta questão que só interessa aos patrões, mas elles e outros que não se occupam em cousa nenhuma, lá vão fazer numero nos comicios e apanharem a sua pranchada por gritarem contra aquillo de que não sabem nada.

Lisboa tambem teve inveja do Porto e deitou comicios.

Já são dois em poucos dias, mas o segundo foi muito mais ruidoso que o primeiro, em que não houve pancadaria, e comicio sem pancadaria é o mesmo qne bacalhau sem sal, uma cousa insulsa que não se póde tragar.

D'esta vez foi o partido republicano que convocou o comicio para protestar contra a marcha do governo, o que val o mesmo que dizer que quando o partido republicano não protesta contra a marcha dos governos monarchicos, é porque se conforma com elles.

Muito platonicos estes republicanos.

Effectivamente, no domingo 19 do corrente anniversario da ultima *Bernarda* do marechal Saldanha, reuniu-se nas terras da Torrinha um comicio republicano a que assistiram umas tres mil pessoas, tanto interessados como curiosos.

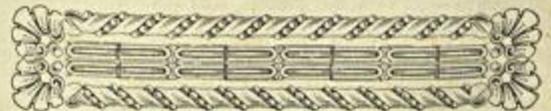
A discussão correu animada e as instituições foram postas pela rua da amargura. Houve um orador que disse que a corôa estava pôdre, caso verdadeiramente extraordinario a não ser que a corôa a que o orador se referiu seja de flores, e depois de muitos adjectivos feios com que afinal não se salvava a patria, a policia interveio dissolvendo o comicio com a eloquencia das *ordes* explicadas á força de pranchadas e murros, e prendendo alguns dos oradores exaltados e mais quem lhes resistiu.

Muitas contusões, muitas correrias, muita pedrada e era uma vez um comicio e mais o protesto contra a marcha do governo.

No dia seguinte o sr. Consiglieri Pedroso interpelava o governo pelos acontecimentos da vespera e na sessão das camaras não se tratou d'outra cousa.

Toda a opposição cahiu a fundo sobre o governo, perguntando-lhe se elle tomava a responsabilidade do procedimento da policia, em dissolver o comicio, esquecendo-se que n'esse comicio se atacaram as instituições e as proprias camaras foram insultadas.

É d'uma abnegação extraordinaria esta opposição, devem concordar.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

VISITA DA FAMILIA REAL A EVORA. — A heroica cidade de Evora acaba de receber a visita da familia real com o publico regosijo que um tal acontecimento produz sempre nas cidades provincianas, onde raras vezes se realisam estas visitas. Evora adornou-se de gallas para receber os seus hospedes, que pela primeira vez, no reinado de El-Rei D. Luiz I tinha a honra de hospedar dentro dos seus muros.

Sua Magestade El-Rei, Rainha e Sua Alteza o

Infante D. Affonso acompanhados dos seus camaristas e do sr. presidente do conselho com o seu secretario particular sr. Almeida e Brito deputado, partiram de Lisboa no dia 19 do corrente, de manhã para a estação do Barreiro, embarcando no Terreiro do Paço, onde compareceu o ministerio, o sr. governador civil, mais auctoridades e corte.

No Barreiro tomaram logar no comboio expresso que os esperava e que conduziu a familia real e sua comitiva a Evora, onde chegou cerca do meio dia.

O tempo estava magnifico e a cidade apresentava o mais alegre aspecto e a maior animação, sendo immenso o concurso de povo que esperava os reaes viajantes, á frente do qual se viam as auctoridades civis e militares, dignatarios e as familias mais distinctas da cidade e seus contornos. Pouco antes da chegada de Suas Magestades tinham chegado Suas Altezas os Duques de Bragança, que vieram de Villa-Viçosa.

das as auctoridades, officialidade e os cavalheiros mais importantes da localidade.

Pelas 4 horas Suas Majestades e Altezas dirigiram-se á praça de toiros para assistirem á toirada que se realisava em sua honra.

Aqui repetiram-se as mais enthusiasticas ovações á familia real por milhares de pessoas que enchiam a praça, sendo a toirada excellente.

A' noite foi o jantar de quarenta e tres talheres, a que, por incommodo de saude, não poude assistir Sua Alteza a Princeza D. Amelia. El-Rei fez um brinde em que, fallando da agricultura disse: que a crise que ella atravessava era infelizmente geral em toda a parte, que este estado precisava de medidas acertadas que o remediassem e que eram esses os seus mais ardentes votos para que o mal se debellasse o mais breve possivel.

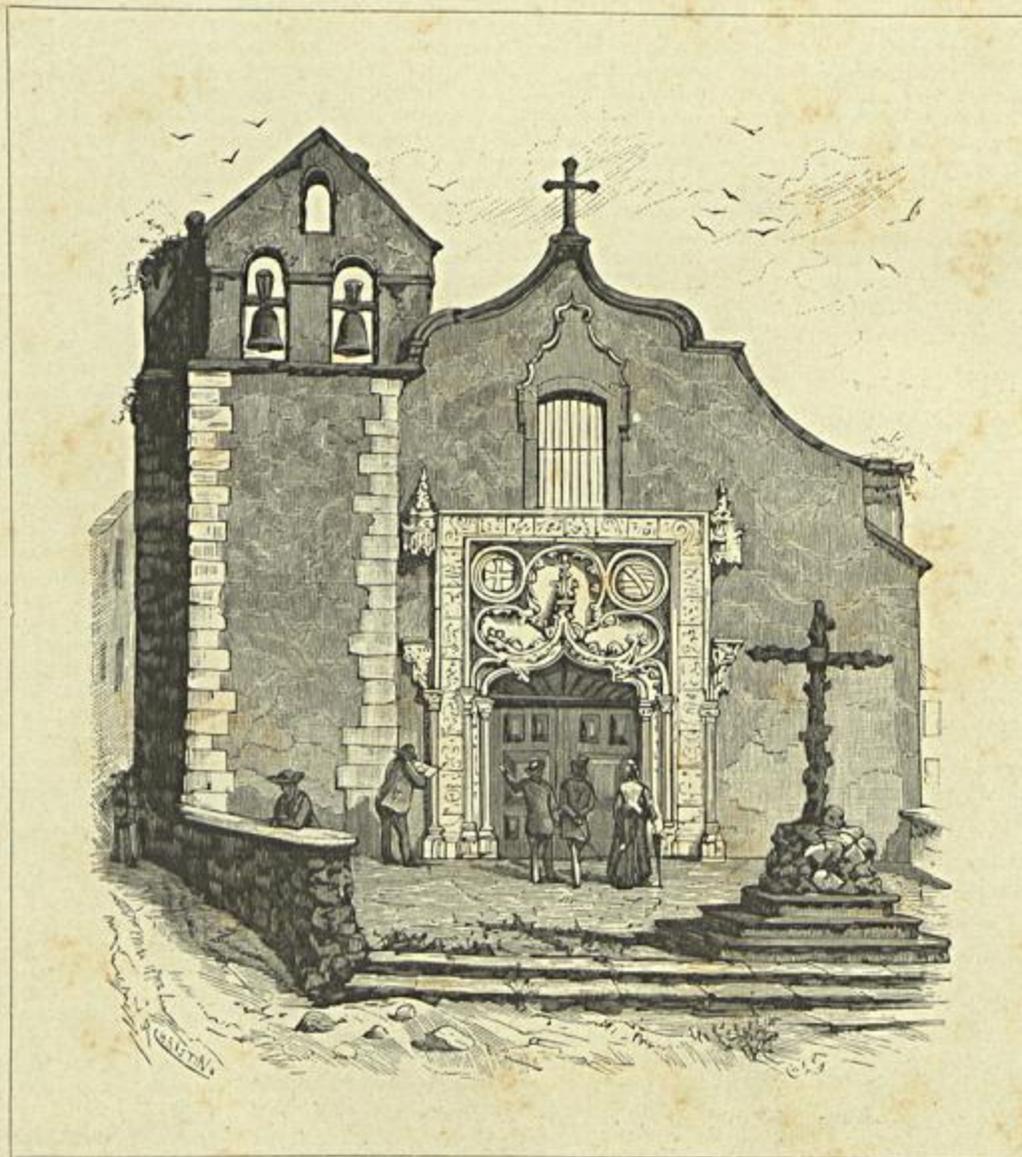
No dia 20, antes do almoço a familia real á excepção de El-Rei e da Princeza que estavam incommodados, visitou o convento de S. Bento, e

A familia Real inaugurou uma exposição de arte ornamental que fôra organisada em sua honra pelo sr. Gabriel Pereira.

N'esta exposição reuniram-se algumas preciosidades de grande valor artistico e de grande riqueza, pertencentes á Sé d'Evora, á Bibliotheca, e a muitos particulares, que gostosamente facilitaram ricos objectos para opulentar esta exposição.

O limitado espaço que temos para esta noticia não nos permitte entrar na apreciação dos objectos expostos, o que, se podermos, faremos depois em outro logar.

Hoje de manhã Suas Magestades visitam o convento do Calvario, Casa Pia, Hospital Civil e outros estabelecimentos publicos, retirando á tarde para Lisboa Suas Magestades El-rei D. Luiz, Rainha D. Maria Pia e Infante D. Affonso.

Suas Altezas os Duques de Bragança ficam até amanhã, passando em Evora o anniversario do seu cazamento

RUINAS DA EGREJA MATRIZ DA BATALHA
(Desenho do natural por J. R. Christino)

As acclamações repetiram-se enthusiasticamente emquanto as bandas regimentaes tocavam o hymno real e uma bateria de artilheria, que tinha ido de Vendas Novas, dava uma salva de vinte e um tiros.

Feitos os primeiros comprimentos na estação seguiu a familia real em magnificas carruagens do sr. dr. Barahona e sr. Conde da Costa, precedida de todo o cortejo, para a Sé, e ali foi cantado um *Te-Deum* a grande instrumental.

Em todo o trajecto as pessoas reaes eram alvo das mais ruidosas ovações, apresentando as ruas variegado e alegre aspecto, nas ricas colchas que adornavam quasi todas as janellas e na infinidade de bandeiras que se balouçavam no ar, deixando ver a intervallos o puro azul do ceu de um dia primaveral.

Findo o *Te-Deum* a familia real dirigiu-se nas mesmas carruagens para casa do sr. dr. Barahona, que estava principescamente preparada para receber os reaes hospedes.

A's tres horas houve recepção a que foram to-

Sua Magestade a rainha foi á cella da unica freira que lá existe e que tem 89 annos, conversou com a pobre octogenaria que estava na cama e beijou-lhe piedosamente as mãos.

N'este dia houve o jantar de gala cujo serviço foi deslumbrante pela riqueza das baixellas e excellencia do *menu*.

De tarde houve outra tourada a que assistiram Sua Magestade a Rainha e Suas Altezas os Duques de Bragança e Infante D. Affonso, não comparecendo El-Rei por se achar fatigado.

Esta tourada não foi inferior á do dia antecedente.

A' noite a familia real percorreu algumas ruas da cidade a vêr as illuminações, visitando por essa occasião o bazar a beneficio do Asylo da Infancia Desvalida de Evora, e o jardim publico que estava illuminado a luz electrica que produzia bello effeito.

A's 10 horas queimou-se um brilhante fogo de artificio, fabricado por um pyrotechnico da localidade.

Cardeal Patriarcha. — Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha foi detido na sua viagem para Roma por um desastre. Em Salamanca indo Sua Eminencia em carroagem esta tombou-se, resultando-lhe partir um braço e a clavicula. Ficou em tratamento no palacio episcopal d'aquella cidade, até poder regressar a Lisboa, tendo partido para ali dois particulares seus para o acompanhar.

Infante D. Augusto. — Sua Alteza o sr. Infante D. Augusto tem melhorado da pertinaz doença que ha tempos o afflige, e deu hontem um passeio de carroagem. Estimamos as melhoras do augusto infermo.

Adolpho, Modesto & C.ª—IMPRESSORES
25 A 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 25 A 43